



**EMIGRAÇÃO DE  
RIO-GRANDENSES AO  
PARAGUAI E A BUSCA PELA  
PROPRIEDADE DA TERRA  
EM REDES  
(1970 -1980)**

EMIGRATION OF RIO GRANDENS TO  
PARAGUAY AND THE SEARCH FOR LAND  
PROPERTY IN NETWORKS (1970 -1980)

EMIGRACIÓN DE RIO GRANDENS HACIA  
PARAGUAY Y LA BÚSQUEDA DE LA  
PROPIEDAD DE LA TIERRA EN REDES (1970  
-1980)

 10.5935/2177-6644.20230036

**Vanucia Gnoatto \***

 [0000-0002-0199-7127](https://orcid.org/0000-0002-0199-7127)

**Resumo:** O presente trabalho pretende analisar a emigração de famílias rio-grandenses a distritos do Departamento de Alto Paraná, Paraguai, no período de 1970 a 1980, visando perceber a influência das redes sociais na busca pela propriedade de terras, de qualidade, em quantidade maior e de preço acessível. Trata-se de um trabalho de história oral, que parte da análise de entrevistas semiestruturadas, realizadas com os imigrantes na região fronteira dos dois países. Conclui-se que a presença de redes sociais, constituídas por vizinhos, conhecidos e familiares, que já haviam realizado a emigração ao Paraguai e que, ao voltar, realizavam a propaganda sobre as terras daquele país, foi um dos fatores importantes para a compra de terras e a emigração.

**Palavras-chave:** Emigração. Rio-grandense. Paraguai.

**Abstract:** The present work intends to analyze the emigration of families from Rio Grande do Sul to districts of the Department of Alto Paraná, Paraguay, in the period from 1970 to 1980, aiming to understand the influence of social networks in the search for land ownership, of quality, in greater quantity and at an affordable price. This is an oral history work, which starts from the analysis of semi-structured interviews, carried out with immigrants in the border region of both countries. It is concluded that the presence of social networks, made up of neighbors, acquaintances and family members, who had already emigrated to Paraguay and who, upon returning, advertised about the lands of that country, was one of the important factors for the purchase of land and emigration.

**Key-words:** Emigration. Rio-grandense. Paraguay.

**Resumen:** El presente trabajo pretende analizar la emigración de familias de Rio Grande do Sul a los distritos del Departamento de Alto Paraná, Paraguay, en el período de 1970 a 1980, con el objetivo de comprender la influencia de las redes sociales en la búsqueda de la propiedad de la tierra, de calidad, en mayor cantidad ya un precio accesible. Este es un trabajo de historia oral, que parte del análisis de entrevistas semiestruturadas, realizadas a inmigrantes en la región fronteriza de ambos países. Se concluye que la presencia de las redes sociales, conformadas por vecinos, conocidos y familiares, que ya habían emigrado a Paraguay y que al regresar publicitaban sobre las tierras de ese país, fue uno de los factores importantes para la compra de Tierra y emigración.

**Palabras-clave:** Emigración. Riograndense. Paraguay.

---

\* Doutoranda em História Regional pela Universidade de Passo Fundo (UPF), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PROSUC/CAPES).  [2040074873083905](https://orcid.org/2040074873083905) - E-mail: [vanuciagnoatto@gmail.com](mailto:vanuciagnoatto@gmail.com).

## Introdução

*Se Deus fez terras mais bonitas  
que o Paraguai pode ficar com elas,  
porque eu vou para o Paraguai<sup>1</sup>*  
(Noeli, Santa Rita, 2016).

O presente artigo busca analisar a emigração de rio-grandenses entre as décadas de 1970 a 1980 ao Paraguai<sup>2</sup>, visando mostrar a atuação e influência das redes sociais, constituídas por conhecidos e vizinhos, e das redes familiares, ambas importantes na aquisição de terras e posterior emigração dessas famílias de pequenos agricultores e comerciantes, que objetivavam a aquisição de mais áreas de qualidade para o cultivo de grãos e por um preço acessível, além de buscar ser e permanecer proprietário de terras. Essas famílias, atraídas pelos relatos e propagandas desses contatos que conheciam o Paraguai, optaram por vender as propriedades no Rio Grande do Sul para emigrar e recomeçar as suas vidas no país vizinho. País que, naquele contexto, se apresentava como um lugar cheio de promessas favoráveis para estes. Quanto à emigração das famílias, é importante destacar que, na maioria dos casos, aconteceu em etapas, quando pai, esposo e filhos mais velhos emigravam antes para realizar as benfeitorias na nova propriedade e, em um segundo momento, a esposa e filhos/as realizavam a travessia, quando, de fato, a família deixava em definitivo o Rio Grande do Sul. Já em um caso, a ânsia pelo novo e a confiança na informação passada por um conhecido levou à emigração, sem uma preparação prévia.

Trata-se de um estudo de História Oral, realizado em distritos<sup>3</sup> do Departamento<sup>4</sup> de Alto Paraná, em julho de 2018, com imigrantes que ainda vivem no Paraguai, e em municípios brasileiros do estado do Paraná, com retornados de distritos do mesmo Departamento, em janeiro de 2019. Quanto ao método de História Oral, para Menezes (2005, p. 29), esse “[...] busca fazer uma interpretação da fala do outro, reconstruindo não apenas os eventos, as experiências e os processos sociais, mas o sentido atribuído pelos seus praticantes”. A autora ainda acrescenta que os estudos que possuem como base os “[...] relatos orais tentam incorporar as vantagens da subjetividade dos documentos. Ao se incorporar as relações de subjetividade entre o pesquisador e o informante, questiona-se o pressuposto da verdade histórica” (MENEZES, 2005, p. 29). Nesse sentido, a História Oral

<sup>1</sup> Original: “Si Dios hizo tierras más lindas que Paraguay puede guardarlas para él, porque yo me voy es a Paraguay”.

<sup>2</sup> O artigo é um recorte da dissertação da autora, intitulada *Migrações, Trajetórias, Retornos: imigrantes brasileiros no Paraguai (1970-2018)*.

<sup>3</sup> O que corresponde a município no Brasil.

<sup>4</sup> O que corresponde a estado no Brasil.

possibilita o acesso a diferentes versões dos sujeitos que experienciaram os processos migratórios ao Paraguai, desde o acesso à informação, a tomada de decisão e a emigração de fato, nos possibilitando o contraponto à dita versão oficial exposta em documentos escritos.

Para Menezes (2005), essa é uma metodologia para se estudar a memória. A memória é definida como a “presença do passado”, pois “[...] é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional” (ROUSSO, 2006, p. 95). Portanto, a memória é uma construção coletiva. Todavia, ela também tem caráter individual, pois “[...] é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória. Origem do sentimento de continuidade temporal, condição necessária da representação da unidade do Eu” (CANDAUI, 2012, p. 61).

A memória é, também, um fenômeno que, quando construído de uma forma individual, pode ser consciente ou inconsciente. “O que a memória individual grava, recalca, exclui e relembra, é evidentemente o resultado de um trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204). Para Woortmann (2000), a memória sempre funciona no sentido de “trabalhar” o passado para criar o presente e construir o futuro. Ainda, “[...] a memória é sempre seletiva; ela não dá presença a um passado genérico, mas a determinados eventos, localizados em determinados lugares no espaço e no tempo, dotados de significado em contextos específicos” (WOORTMANN, 2000, p. 213).

Metodologicamente, buscou-se analisar entrevistas semiestruturadas, a partir de pontos-chaves, ligados à emigração desses sujeitos<sup>5</sup>. Os fragmentos de entrevistas trazem memórias de suas vivências individuais, mas, em alguns casos, das ações dos pais e do esposo, compartilhadas, formando memórias coletivas em torno do que antecedeu a emigração. Abordam conquistas e frustrações, perdas, resistências e sonhos concretizados, estratégias e a capacidade de avaliar a melhor oportunidade para si e para os seus, além de mostrarem o estreito laço criado entre conhecidos, responsável pelo ato migratório.

As narrativas que foram selecionadas são de membros de cinco famílias. A primeira fala é a de Maria<sup>6</sup>, aposentada e retornada, atualmente residente em Santa Terezinha de Itaipu - Paraná, que partiu com filhos e marido de Roque Gonzales para a colônia denominada na

---

<sup>5</sup> Nos anos de 2018 e 2019, foram realizadas entrevistas no Paraguai e no estado do Paraná, nas regiões fronteiriças dos países, com a finalidade de coletar dados para a dissertação de Mestrado.

<sup>6</sup> Mesmo tendo a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e o consentimento da parte dos entrevistados através da assinatura do TCLE, optamos pela utilização apenas do primeiro nome, a fim de dar-lhes maior proteção.

época de Santa Rosa del Monday, atualmente distrito de Santa Rosa del Monday. A segunda, de Nelsi, cuidadora de idosas e aposentada, retornada, atualmente residente em Foz do Iguaçu - Paraná, que emigrou mesmo com muita resistência na adolescência com pais e irmãos, do município de Saltinho - Rio Grande do Sul, para a mesma colônia na qual se estabeleceu a primeira entrevistada. A terceira, Noeli, dona de *buffet* e cozinheira, residente em Santa Rita, PY, que partiu de Três Passos ainda adolescente com seus pais e irmãos, também para a colônia de Santa Rosa del Monday.

A quarta fala é de Jacó, ex-vereador de Santa Rita, residente em Santa Rita, que partiu de Cerro Largo - Rio Grande do Sul, para a denominada na época colônia de Santa Rita, atualmente distrito de Santa Rita, com toda a família. A quinta narrativa é de Valdemar, agricultor e aposentado, residente em Raul Peña, que emigrou com a esposa e seus 10 filhos, deixando Guarani das Missões - Rio Grande do Sul, e partindo para a colônia denominada na época de Raul Peña, atualmente distrito de Raul Peña. A última narrativa é a de Josefa, esposa de Valdemar, dona de casa, aposentada, também natural de Guarani das Missões - Rio Grande do Sul.

O que essas seis narrativas têm em comum? A busca pela propriedade da terra e, em grande quantidade e qualidade, para a prática agrícola com que tinham experiência, em um contexto em que a permanência ou a aquisição de mais áreas para a agricultura no Rio Grande do Sul era inviável para esses pequenos agricultores, devido aos altos custos. O fato de pertencer a famílias numerosas tornaria insustentável, no futuro, a permanência na pequena propriedade após o fracionamento da propriedade entre os herdeiros. Destes, apenas um caso não se enquadrava, pois estava ligado à falência da atividade comercial. Cabe destacar o fato de terem partido direto do Rio Grande do Sul para o Paraguai. Ou seja, de não terem sido realizadas migrações internas para outros estados, como em outros casos. Outro aspecto comum que está presente no relato das mulheres é que, em um primeiro momento, não tinham voz ativa na decisão por emigrar, mas estiveram juntas aos seus nos processos migratórios, desempenhando funções importantes nessa transição e resistindo até o último momento à emigração, como no caso de uma das entrevistadas.

Quanto à presença das mulheres no processo migratório, faz-se necessário abandonar a visão de que as mulheres se encontram invisíveis e escondidas atrás dos homens na migração. “Para além da mera inclusão das mulheres no processo, o que se pretende é romper

com a perspectiva de um sujeito histórico masculino e considerar as relações estabelecidas em homens e mulheres migrantes” (PEREIRA; LOURENÇO, 2021, p. 47).

As pesquisas históricas tinham por costume se guiarem por valores patriarcais e tradicionais em que “[...] a migração quase sempre foi contemplada como uma questão masculina, sendo ocultada a presença feminina nos fluxos migratórios” (ANGELIN, 2012, p. 69). Porém, elas sempre estiveram presentes. Basta ver as “[...] estatísticas, fotos, depoimento, histórias de famílias. Sim as migrantes têm uma história” (BASSANEZI, 2018, p. 169).

Nesse sentido, dividimos o nosso trabalho em dois tópicos. No primeiro, realizamos uma contextualização da realidade que impulsionou a emigração para o país vizinho, mais especificamente para algumas colônias, atualmente distritos do Departamento de Alto Paraná. Já no segundo tópico, analisamos a atuação das redes dentro do processo de aquisição de terras e emigração ao Paraguai.

### **“Vou para o Paraguai”<sup>7</sup>: Emigração ao Paraguai**

Na migração de brasileiros ao Paraguai, como nas demais migrações, é importante ter presente os fatores de expulsão que levam à saída de determinado lugar e os fatores de atração que levam à entrada em outro lugar. Por muitas vezes, os fatores econômicos são apontados como os responsáveis pela migração, como no caso que analisamos, em que, por um lado, a modernização agrícola será a responsável pela expulsão desses agricultores do Rio Grande do Sul e, por outro lado, atrairá estes ao Leste paraguaio. Porém, é importante que se tenha presente que a questão econômica não é o único fator responsável pela migração.

Quanto aos motivos que ocasionam a emigração, é necessário sempre diferenciar “[...] os motivos (individuais) para migrar das causas (estruturais) da migração. Os motivos se manifestam no quadro geral de condições socioeconômicas que induzem a migrar” (SINGER, 2002, p. 53). Além disso, a migração está ligada a ações “[...] socioculturais que podem ser adotadas quando problemas estruturais colocam pressão em uma pessoa ou família e faz com que a migrem para um outro lugar para modificar um problema estrutural particular” (NODARI, 2002, p. 34). Porém, “[...] ao se mudar um conjunto inteiro de sujeições e problemas será encontrado e o próprio ato de migrar requer reações individuais para se adaptar às novas circunstâncias” (NODARI, 2002, p. 34).

---

<sup>7</sup> Original: “Yo me voy es a Paraguay”.

O fenômeno da emigração de brasileiros ao Paraguai é múltiplo em sua constituição, tanto na questão social, econômica e étnica, acontecendo e tornando-se intenso em vários períodos da segunda metade do século XX. Bárbara (2005) define em três períodos históricos a migração ao Paraguai, sendo o terceiro período o de retorno. O primeiro período, na década de 1960, é constituído por imigrantes que entram no Paraguai, originários do norte e nordeste do Brasil, posseiros que passaram pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, e acabaram preparando o terreno para a expansão da fronteira agrícola capitalista. Já o segundo período ocorreu na década de 1970, onde o Paraguai recebeu um grande número de camponeses que emigraram do Paraná, Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, sendo atraídos pelo preço da terra, que chegava a ser cinco vezes mais em conta que no Brasil, e pela existência de terras bastante férteis.

Muitos imigrantes brasileiros que entraram no Paraguai já haviam realizado outros processos migratórios ainda no território brasileiro. Uns mais capitalizados e outros, ou a grande maioria, descapitalizados, migravam buscando adquirir terras, trabalhar de forma remunerada na atividade agrícola ou arrendando áreas. Entre os rio-grandenses, houve muitos que migraram várias vezes no interior do Brasil antes de entrarem no país vizinho. Em muitos casos, passando pelo oeste de Santa Catarina, em uma migração intermediária, ou para o Paraná, ou as duas situações, para só depois realizarem uma emigração para o Paraguai. Já no caso que analisaremos, veremos que a emigração ao Paraguai será a primeira feita por estes fora do estado de origem (ALBUQUERQUE, 2005).

A emigração de brasileiros ao Paraguai acontece em um contexto em que a geopolítica dos dois países buscava a ocupação dos espaços fronteiriços de ambos, tidos como “desabitados”. No caso do Brasil, com a Marcha para o Oeste, ainda no governo Vargas, no período do Estado Novo (1937-1945), e no caso do Paraguai, na década de 1960, com *La marcha se hace al Este*. Além disso, ainda houve uma política de estreitamento das relações internacionais entre os dois países, o que se intensificou no período ditatorial brasileiro, viabilizando acordos e construções nos dois países, como no caso da Usina Hidrelétrica de Itaipu<sup>8</sup> (1974-1983). Essa geopolítica de aproximação beneficiava os dois

---

<sup>8</sup> Conforme Zaar (2000), no rio Paraná entre Brasil e Paraguai, no início da década de 1970, teve início o projeto da hidrelétrica binacional Itaipu. Em 1982, formou-se o lago da represa que inundou uma área de 1.350 km<sup>2</sup>. Diante disso, houve a desapropriação de propriedades e a migração forçada de muitas famílias. Grande parte dessa população deslocou-se para espaços urbanos de distritos e municípios que fazem parte da região. Já outros deslocaram-se “[...] à áreas rurais do próprio Estado e de Estados da Região Centro-Oeste e Norte do País; e um terceiro grupo encontraram terras mais baratas na República do Paraguai. Com o processo de migração, a

países, pois diminuía a influência da Argentina na região da Bacia do Prata. De interesse do Paraguai, pois se livraria da dependência econômica da Argentina e de interesse do Brasil, pela questão econômica (ALBUQUERQUE, 2005).

Essas ações políticas possibilitaram que as fronteiras do Paraguai estivessem abertas à emigração de brasileiros para a região fronteiriça ao Leste, primeiramente nos Departamentos de Alto Paraná, Amambay e Canindeyú. Para Sales (1996), no governo do ditador Stroessner (1954 -1989), a política era a da ocupação do território, para promover o desenvolvimento agrícola através da abertura das fronteiras aos países limítrofes, principalmente o Brasil. Como estratégia política do Paraguai, os imigrantes ocupariam as terras da região Leste do Paraguai, visando o desenvolvimento econômico através da modernização agrícola da região, modernização conservadora sem mexer na estrutura latifundiária do país.

Porém, não foi somente a questão política que motivou a emigração de brasileiros ao país fronteiriço. Conforme Baller (2014), a expressiva emigração de brasileiros não foi causada apenas pela política dos governos dos dois países através da *Marcha para o Oeste* e *La marcha se hace al Este*. Nessa emigração expressiva de brasileiros existia um movimento populacional espontâneo ocasionado pela “[...] concentração da propriedade fundiária nos estados do Sul e Sudeste do Brasil, no início da segunda metade do século XX” (BALLER, 2014, p. 62). Ou seja, a migração interna para esses sujeitos, pequenos proprietários de terras ou arrendatários, boias-frias, entre outros, era uma prática recorrente. Diante das dificuldades encontradas, estes não hesitavam em procurar em outras fronteiras agrícolas, melhores possibilidades.

A concentração de terras se acentuou ainda mais no processo de mecanização da agricultura, devido à “modernização conservadora da agricultura” (SILVA, 2002), que não mexeu na estrutura fundiária, encarecendo a permanência do pequeno agricultor no campo. No Brasil, com mais intensidade na década de 1960-70, mais especificamente nas regiões Sul e Sudeste, acompanha-se o surgimento do processo de modernização agrícola que traz a mecanização, a utilização de diversos insumos agrícolas, visando o aumento da produção e a diminuição dos custos, o que, de fato, aconteceu. Porém, uma grande parcela de pequenos agricultores e trabalhadores do campo que não tinha como se manter e utilizar os pacotes tecnológicos integrantes da política de modernização agrícola, optaram por adquirir terras e emigrar ao Paraguai (BRUM, 1985).

---

territorialidade de cada indivíduo e da comunidade fragmentou-se em função da expropriação do espaço de cada um destes indivíduos e de parte da área” (ZAAR, 2000, p.1).

Quanto ao estado do Rio Grande do Sul, se faz pertinente voltar um pouco no tempo para compreender suas especificidades. Conforme Sales (1996), a História de ocupação do território conciliou a grande propriedade com uma extensa área de terras divididas em pequenas propriedades familiares, ocupadas por vários cultivos. Este estado, por sua vez, possui características específicas na itinerância de seus trabalhadores. Antes de tudo, porque na década de 1970, a ocupação do território se deu no mesmo tempo em que aconteceu a modernização agrícola, que ali ocorreu em grandes proporções. Aliada a isso, a dinâmica de subdivisão de herança da pequena propriedade, num período de fim de fronteiras agrícolas no interior desse estado, impulsionou a itinerância para os outros estados e para o Paraguai, visando a busca pela propriedade da terra.

Ser proprietário de terras para esses colonos era algo muito importante. Para compreender um pouco dessa busca pela aquisição da terra, é necessário rever como os antepassados alemães desses imigrantes, que chegaram à atual região metropolitana de Porto Alegre - Rio Grande do Sul, ainda no século XIX, viam a possibilidade de serem donos de terras. No caso de um grupo de imigrantes europeus, percebe-se como a busca pela compra de áreas para a prática agrícola era fator determinante da emigração. Neumann (2008), ao estudar os imigrantes alemães, percebe que a propriedade da terra era muito importante para o imigrante. Ter terras significava ter liberdade e a “[...] possibilidade de ascensão social e econômica. A ligação do imigrante com a terra era indiscutível” (NEUMANN, 2008, p. 128).

Nos movimentos migratórios feitos por alemães e italianos nos séculos XIX e XX no interior do estado do Rio Grande do Sul – onde imigrantes, mas, principalmente, filhos de imigrantes, buscavam adquirir terras na região norte e nordeste do estado, locais denominados mais tarde de colônias novas – nota-se essa busca pela propriedade da terra. Roche (1969, p. 319), em seu estudo sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul no século XIX, percebe que pelo fato de serem “[...] pequenos proprietários, os colonos foram condenados a deixar o lote desbravado pelos pais e a continuar ou voltar a ser pioneiros”. Dessa forma, para seguirem sendo agricultores, os “[...] colonos deixaram o seu torrão, para encontrarem um novo lote, deixaram o seu, pois não eram rendeiros, mas proprietários ou filhos de proprietários” (ROCHE, 1969, p. 319). Essas novas colônias receberam mais descendentes de antigos colonos do que imigrantes. Desde o advento da república, o governo do Rio Grande do Sul, pouco favorável à grande imigração, desejava antes absorver os

excedentes da população das colônias formadas pelos imigrantes europeus que viviam na região de São Leopoldo e São Sebastião do Caí, no mesmo estado.

O modelo de propriedade se caracterizava por ser pequeno e conduzido pela família. Como Gregory (2008, p. 51) constata, nota-se que “[...] a pequena propriedade nas regiões coloniais do Sul do Brasil é uma herança do imigrante europeu e que sua migração e a de seus descendentes aconteceu por causa da possibilidade de ser proprietário e de garantir aos filhos a condição de proprietários de terra”. Esse aspecto foi utilizado pelo Estado e poder privado para resolverem temporariamente os problemas “[...] advindos das contradições da estrutura econômica do Brasil. Mas, se a pequena propriedade no Brasil é uma herança do imigrante europeu, é, também, uma permissão do latifúndio” (GREGORY, 2008, p. 51).

Entre os imigrantes descendentes de europeus, tanto nas emigrações para o Brasil, migrações internas e na emigração para o Paraguai, percebe-se uma ânsia em serem proprietários de terras. Esse desejo, por muitas vezes, levou-os a desapegar da casa paterna ou de outras propriedades e irem em busca de mais terras. Estes, por vezes, possuíam um lote, mas queriam dois, três ou mais. No caso dos entrevistados, também se percebe a existência de um apego à propriedade da terra, o que os leva a optarem por buscar ofertas melhores e em grandes quantidades, por um preço acessível. Logo, se compreende que, para os pequenos agricultores com pouco capital, tendo um número grande de filhos e em uma realidade de escassez de ofertas de lotes, a opção mais viável era a aquisição de terras no Paraguai. O que oportunizou a esses pais adquirirem propriedades para os filhos, garantindo um “futuro” ou a herança para estes seguirem permanecendo na terra e sendo colonos, algo que não conseguiriam no Rio Grande do Sul devido ao alto valor da terra.

Com relação a isso, Sales (1996) mostra que devido às políticas agrárias colocadas em prática nos governos militares, houve uma valorização considerável das áreas agricultáveis, o que foi decisivo para a migração interna, para centros urbanos e para regiões onde existiam fronteiras agrícolas nos países vizinhos. Para a autora, na década 1980, intensificou-se a compra de terras por parte de empresários e produtores brasileiros. Estes visavam investir em áreas mais baratas que as do Brasil, simplesmente para especularem ou produzirem eles mesmos ou arrendarem a outros produtores. Para aqueles que não tinham como adquirir propriedade, essa foi uma oportunidade de trabalho.

Naquele contexto, o Paraguai surgia como um campo de grandes oportunidades aos brasileiros. Por muitos anos, o valor da terra corresponderá ao décimo do sul do Brasil.

Assim, a venda no Brasil de uma parcela, mesmo pequena, ou a poupança de um pouco de capital proveniente da venda de materiais motivava qualquer migrante. Da mesma forma, a qualidade das terras, que na época eram ocupadas por uma densa mata tropical, derivada essencialmente dos basaltos, era surpreendente (SOUCHAUD, 2011).

O valor das terras no Paraguai pode estar relacionado às dificuldades de trabalhar com as mesmas, haja visto que estas, na maioria das vezes, estavam todas ou quase todas, cobertas por mato nativo, o que exigia dos compradores que investissem também na destoca (limpar a terra para o plantio), por meio de esteiras e outras máquinas ou do trabalho braçal com machados e motosserras.

Nesse contexto, nos casos que analisamos, vemos que o processo de modernização agrícola está diretamente relacionado à expulsão desses pequenos agricultores do Rio Grande do Sul e que a oferta de terras baratas dentro de uma política de modernização implantada na região oriental do Paraguai será um fator atrativo para esses imigrantes adquirir as suas áreas agrícolas. Algo que possibilitará com que estes sigam na atividade desempenhada por seus pais e antepassados, sendo proprietários. Nesse sentido, os contatos entre quem emigrou e quem ficou no lugar de origem impulsionaram novas migrações articuladas por redes para a aquisição de terras.

### **Emigrações de famílias rio-grandenses e as suas redes e estratégias**

Nos processos migratórios ao longo da história, principalmente nos mais contemporâneos, motivados por inúmeras causas, vemos, muitas vezes, a presença de elo ou elos de referência no local de destino, que ligam migrante com não migrante, também conhecidas com redes sociais. Para Fazito (2005), a migração não acontece somente pelo desejo de migrar, quem migra deve estar em uma posição estrutural que permite o ato migratório. Como percebe Woortann (2000, p. 210), a “[...] emigração não era um projeto individual. Pelo contrário, era um projeto que envolvia não apenas a família imediata do migrante, mas sua parentela mais ampla e vizinhos”.

Na emigração de brasileiros ao Paraguai, vemos a importância das redes sociais e da utilização de estratégias visando a migração. As ações políticas estratégicas do Estado paraguaio no sentido de atrair a presença de imigrantes brasileiros na região fronteira com o Brasil passam a ganhar mais impulso pelas propagandas de colonizadoras, agentes e intermediários que se dirigiam aos estados do Sul brasileiro e pelos meios de comunicação,

como rádio, que divulgavam a grande oferta de terras em departamentos, como o de Alto Paraná. Surgem várias redes sociais, formadas por vizinhos, conhecidos e amigos com familiares, que acabam propagando a oferta de terras, intermediando compra e auxiliando na emigração em si.

As redes sociais, para Tedesco (2010), são acontecimentos sociais há muito tempo presentes no cenário das migrações, que estruturam e influenciam os comportamentos individuais, da mesma forma em que estas se:

[...] constituem e se dinamizam, também migram, movimentam-se e alteram-se; laços e trocas, dádivas e dívidas recortam territórios; funcionam como nós interligados por horizontes de múltiplas dimensões e se fortalecem em razão de demandas, ausências, distâncias, não integração entre imigrantes [...] se fortalecem com o agrupamento regional e de descendência; irmanam-se pelas objetividades comuns e intenções que se entrecruzam [...] As redes funcionam como efetiva estratégia de resistência à exclusão, de uma maior segurança para a inserção no novo contexto social, das inúmeras fronteiras e distâncias empreendidas (TEDESCO, 2010, p. 223-229).

Na atualidade, segundo Saquet & Mondardo (2008), as migrações formam uma “experiência integrada” do espaço, que somente é possível se os migrantes estão organizados em redes, por meio de várias relações que, por muitas vezes, abrangem o local e o global. Nos territórios de origem e de destino, existem múltiplas relações e vínculos criados pelos migrantes quando realizam suas trajetórias e quando se reterritorializam. Assim, na migração, “[...] a construção dos territórios vivencia um movimento em redes que articulam diversos nós interligados, por sua vez, por meio de vínculos e contatos constituídos” (SAQUET; MONDARDO, 2008, p.120).

No caso específico da e/imigração de brasileiros ao/no Paraguai, observa-se que existem redes sociais (SOARES, 2002; FAZITO, 2010), redes familiares (TEDESCO, 2022), redes transnacionais (HAESBAERT, 2012), redes transfronteiriças (HAESBAERT; BÁRBARA, 2001) e redes migratórias. Quanto às redes migratórias, Truzzi (2008), em seus estudos, cita Massey, que afirma que estes “[...] complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade” (2008, p. 396). Ou seja, nos processos migratórios, criam-se redes com migrantes e possíveis migrantes, através das idas e vindas daquele que emigrou.

A presença de redes nos processos migratórios não é algo contemporâneo e específico de um grupo de imigrantes, mas sim de todos os grupos de imigrantes. Nos seus estudos com imigrantes italianos, Truzzi (2008) percebeu que existia, a partir do final do século XIX, na

Itália, uma cultura ou tradição de emigração, o que, por sua vez, facilitou a migração para o Brasil. Esta acontecia na forma de uma emigração em cadeia, em que familiares, conterrâneos e agentes de propaganda funcionavam como uma corrente que transmitia informações e alimentava o deslocamento. Nesse sentido, o imigrante atuava no interior de redes de relações pessoais, de forma individual, ou no núcleo familiar, considerado um agente racional que busca seus objetivos e movimenta recursos relacionais para escolher o seu destino e se inserir no mercado de trabalho no local de destino, sendo visto como “[...] agente mobilizador do capital social” (TRUZZI, 2008, p. 203-207).

Entre os imigrantes brasileiros que emigraram ao Paraguai, também se percebe a existência do “agente mobilizador do capital social”. Ao se certificar da veracidade das informações sobre as terras do Paraguai e adquirir as suas, alguns imigrantes começaram a propagandear entre os seus parentes e conterrâneos a oferta de terras neste país, promovendo e faturando com viagem de possíveis compradores de terra e trabalhando como vendedor das colonizadoras.

Foi o caso de migrantes que deixaram o Rio Grande do Sul, como A.P., esposo de Maria, nossa entrevistada. Natural de Santa Cruz do Sul, esta migrou para Roque Gonzales junto com a família nuclear ainda quando criança em 1941, em busca de terras melhores. No seu caso, percebe-se que houve uma migração interna de uma região conhecida e denominada posteriormente como parte das “colônias velhas” para outra região que, devido à busca por terras dos filhos dos primeiros imigrantes, tanto alemães como italianos, passou a ser denominada como “colônias novas”, no Norte do estado do Rio Grande do Sul.

Em Roque Gonzales, a entrevistada e o esposo, diante da pouca oferta de áreas agrícolas, optaram por fazer um outro processo migratório. O seu esposo, na década de 1970, ao buscar terras, num primeiro momento, havia sido informado pelo funcionário do banco de que, conforme relato da entrevistada, “no Paraguai para o colono seria melhor”, ou seja, a possibilidade de permanecer e crescer como proprietário seria melhor. E por isso:

Ele veio pra cá [refere-se ao Paraguai] olhar e já se agradou. Tem um monte de gente que mora no Paraguai que ele trouxe lá dos nossos lados [Roque Gonzales]. Ele tinha uma kombi de lotação, daí ele trazia o pessoal, e como ele fazia várias viagens, foi até vendedor da Santa Rosa, da colonizadora, daí arrumava negócio e ele mesmo ajudava o vendedor a vender as terras pra colonizar Santa Rosa [del Monday] (Maria, Santa Terezinha de Itaipu, 13 jan. 2019).

Percebe-se que o esposo de Maria teve acesso à informação de oferta de terras no Paraguai e, após tomar conhecimento dessa oportunidade, foi averiguar a informação,

adquirindo, na sequência, uma certa quantidade. Ainda, conforme o relato da entrevistada, as idas e vindas entre Paraguai e Brasil após a compra das terras estavam a serviço de realizar as benfeitorias, como a construção da casa e galpão e plantio de árvores frutíferas e outros plantios na nova propriedade adquirida, o que leva a constatar que a emigração foi realizada em etapas, pois somente após haver condições para que toda família pudesse se estabelecer em nova propriedade, se deu a emigração de Maria e seus filhos.

No caso desse imigrante, percebe-se, ainda, que possuía recursos financeiros para realizar as viagens e que, ao longo destas, encontrou uma forma de se beneficiar financeiramente na medida em que fazia a propaganda para os seus conterrâneos sobre a oferta de terras no Paraguai, levando interessados na compra de áreas agrícolas em viagens de kombi ao Paraguai e fazendo a venda de lotes, tornando-se, desta forma, agente da colonizadora.

Em seus estudos sobre a colonização do Oeste catarinense, Nodari (2002, p. 36) observa as ações dos agentes das colonizadoras. Estes sujeitos “[...] constituíram-se, como fora planejado, no maior grupo de recrutamento de colonos”. Para a contratação desses sujeitos, as companhias colonizadoras exigiam:

[...] ser ou ter sido colono, ser conhecedor de terras, ou ser comerciante e, ainda, dispor de círculo relativamente amplo de parentes ou de amigos a quem oferecer a terra, além de ter credibilidade, pois de sua habilidade dependeria parte do sucesso da colonização, além de receber um percentual sobre a venda de lotes (NODARI, 2002, p. 37).

Crítérios os quais o esposo de nossa entrevistada possuía. A autora ainda acrescenta que em suas ações, esses agentes faziam uso de “[...] todos os meios que estavam à sua disposição para persuadir as pessoas a comprarem terras das companhias que eles representavam, pois somente assim teriam bons ganhos” (NODARI, 2002, p. 37), conforme o caso relatado por Nelsi, em que seu pai foi convencido pelo esposo de Maria a comprar uma área no Paraguai.

Nelsi vivia com a família em Saltinho, Rio Grande do Sul. No ano de 1984, como afirma a filha: “Vieram uns lá que queriam vender terra, uns amigos dele que vieram do Paraguai, davam de corretor de terra, né, e foram lá influenciar para ele vender a terra, e ele aceitou na hora, não pensou duas vezes, aceitou na hora e já viemos” (Nelsi, Foz do Iguaçu, 16 jan. 2019). Aqui, o corretor e antigo vizinho, ao relatar para o pai de Nelsi sobre a oferta de terras no Paraguai, recebeu deste uma proposta de que ganharia certa quantia em dinheiro se trouxesse um comprador para suas. Algo que em pouco tempo aconteceu, levando à

aquisição de propriedade no Paraguai sem ao menos uma visita, para o desespero de Nelsi, seus irmãos/as e a mãe, que não foram consultados. Havia um “[...] cerco e a persuasão de um determinado membro de uma família”, o que acabava levando à formação de “[...] uma corrente migratória familiar” (NODARI, 2002, p. 37). Esse cerco, feito por alguém de credibilidade, foi o suficiente para o pai da entrevistada optar pelo país vizinho. Sobre a partida ao Paraguai após a aquisição das terras, a entrevistada relata:

Foi bem rapidinho, foi rápido, era horrível, terrível, ninguém queria sair de lá. Na viagem inteira, a gente se planejava pra fugir do pai no mesmo caminhão, os mais velhos [filhos]. [...]. Na viagem, estragou o caminhão, bateu a caminhonete e ficamos na metade do caminho, nos parentes lá em Giruá, ficamos mais de uma semana lá, depois continuamos, mas foi terrível! (Nelsi, Foz do Iguaçu, 16 jan. 2019).

Pode-se observar, nesse caso, que para o pai da entrevistada, somente as informações passadas por alguém de sua confiança foram suficientes para a aquisição de terras desconhecidas para ele. A “febre da migração”, que levava muitos brasileiros a buscarem o *El Dourado* nas terras paraguaias, fez com que eles, sem ao menos calcularem as vantagens e desvantagens dessa migração, como no caso citado pela entrevistada, fracassassem em sua decisão e perdessem o pouco que possuíam. A entrevistada, que na época tinha 14 anos, percebeu desde o começo que a emigração da família foi muito precipitada e desnecessária, pois a família no interior do Rio Grande do Sul possuía recursos e bens. Recursos que mesmo com a aquisição de uma área maior no Paraguai, foram se perdendo pela venda por um preço muito abaixo de animais e maquinários da antiga propriedade no lugar de origem, que ficaram em haver por compradores que não pagaram a aquisição de todo o valor, o valor integral. Essas vendas rápidas se deram para conseguir recursos para a viagem, mas só se tornaram negócios nada favoráveis para a família que precisa de recursos para se fixar no Paraguai.

Outro elemento da fala de Nelsi é o da viagem, a qual relata que, em todo o momento, os filhos mais velhos, inclusive ela, buscavam uma forma de fugir e não seguir caminho ao Paraguai. Ainda quanto ao percurso para o país vizinho, esta relata que este foi terrível, havendo acidentes e que estes foram acolhidos por uma semana por familiares, prática presente dentro dos processos migratórios, onde a entreaajuda familiar amenizava as dificuldades encontradas pelo caminho.

Da experiência traumática da saída, pode-se constatar que filhos/as e a esposa não foram consultados quanto à decisão de emigrar, sendo forçados a ir ao Paraguai, fator que

levou com que a família, logo que se estabeleceu em Santa Rosa del Monday, se separasse com a saída de casa de todos os filhos/as. Nelsi afirma que não pode mais seguir estudando e que foi contra a vontade para o Paraguai. Seu relato nos leva a refletir sobre as situações em que as filhas e esposas são forçadas pelos pais e esposos a seguirem seus desejos e determinações emigrando contra a vontade.

A tentação pelas terras paraguaias, pelo que estas poderiam possibilitar a esses agricultores surgiu como uma luz diante da realidade que muitos viviam no Sul. A falta de perspectivas de superação das crises econômicas enfrentadas pelas famílias motivou a busca por novos horizontes, daquilo que não conseguiam mais no lugar de origem. Motivado pela propaganda feita por um ex-vizinho referente às terras do Paraguai, o pai de Noeli foi pessoalmente averiguar a informação. E, após confirmá-las, decidiu migrar com a família no ano de 1979:

Nessa época, devido à crise financeira daqueles anos, a grande inflação dos produtos e a pouca produção no campo, levaram ao colapso dos negócios (que sempre foram feitos a crédito) e como não havia transferência de dinheiro, ele não pôde cobrar indo à falência. Isso obrigou o Papai a buscar novas perspectivas e na época o local que era citado como de bom desenvolvimento era o chamado ‘Chapadão dos Gaúchos’, no Mato Grosso; onde foi confirmar essa informação, mas estando a caminho do Paraná para visitar um ex-vizinho, este lhe informou que as pessoas estavam emigrando para o Paraguai, onde havia boa oferta de terras, baratas e produtivas. Aí mudou de rumo, ao invés de seguir rumo ao Mato Grosso veio ao Paraguai confirmar essa outra novidade. Chegando aqui, encontrou um bom terreno, cheio de mata, com grande potencial e sobretudo barato. Então voltou a Três Passos e lançou esta expressão: ‘Se Deus fez terras mais belas que o Paraguai pode guardá-las para si, porque eu vou é para o Paraguai’. Dito isto, vendeu o que tinha, pagou as contas, deixando tudo acertado, sobrou-lhe um pouco de dinheiro e as fichas dos seus devedores, que nunca conseguiu resgatar, e partiram para o Paraguai<sup>9</sup> (Noeli<sup>10</sup>, Santa Rita, 07 set. 2016).

---

<sup>9</sup> Original: “Momento en el cual, por la crisis financiera de esos años, gran inflación de los productos y poca producción en el campo, llevó a colapsar los comercios (que siempre se manejaban a crédito) y al no haber giro de dinero no pudo cobrar yendo a la bancarrota. Esto obligó a Papá, a buscar nuevas perspectivas y en la época el lugar que se mencionaba que tenía buen desarrollo, era uno llamado ‘Chapadão dos Gaúchos’ en Mato Grosso; hacia donde él se dirigió para confirmar estas informaciones, pero camino allí para en el estado de Paraná para visitar a un ex vecino, y este le informo que la gente estaba migrando hacia Paraguay donde había buena oferta de tierras, baratas y productivas. Allí cambio el rumbo y en vez de continuar hacia Mato Grosso vino Paraguay a confirmar esta otra nueva información. Llegando aquí encontró una tierra buena, llena de bosque, con gran potencial y por sobre todo barato. Así que volvió a Três Passos y lanzó esta expresión: ‘Si Dios hizo tierras más lindas que Paraguay puede guardarlas para él, porque yo me voy es a Paraguay’. Dicho esto, vendió lo que tenía, pagó las cuentas dejando todo saldado, le sobro un poco de dinero y las fichas de sus deudores, las cuales nunca pudo rescatar, y salieron hacia Paraguay”.

<sup>10</sup> A entrevistada nos enviou a sua entrevista por e-mail, toda ela em espanhol, no ano de 2016. Idioma que ela domina bem devido ao tempo que reside no Paraguai e ao sentimento de pertencimento que a mesma tem por aquele país, várias vezes expresso em sua escrita.

Conforme a entrevistada Noeli, seu pai, buscando superar as dificuldades financeiras da família, já endividada com o pequeno comércio, guiou-se por informações de oportunidades e buscou averiguar as mesmas para só depois emigrar. Sabendo da oferta de terras no Mato Grosso por meio de informações que chegavam ao seu município, o pai da entrevistada decidiu ir averiguá-las, mas estando a caminho, optou por visitar um ex-vizinho que vivia no Paraná. Em diálogo com este, ficou sabendo da oferta de áreas para a agricultura no Paraguai e mudou de ideia indo averiguar as informações além fronteiras. Após verificar, realizou a compra das terras. Nesse caso, o pai de Noeli soube calcular e avaliar para poder fazer a melhor escolha para a família. Ao se referir a essa atitude adotada pelos migrantes, Soares cita a definição de Durham, que afirma, quanto às redes sociais, que o migrante:

[...] segue as rotas que foram seguidas por parentes e amigos antes dele. Vai com conhecidos, ou à procura de conhecidos, que sabe estar em tal ou qual lugar. Os lugares que ele conhece são aqueles que fazem parte da experiência passada da sua comunidade e são relações pessoais que servem de ponto de apoio à movimentação espacial. A não ser excepcionalmente, o emigrante não se aventura no desconhecido, mas se orienta por notícias, por informações, por relações (DURHAM, 1984; p. 138 apud SOARES, 2002, p.18).

Ao analisar o relato de Noeli, é interessante perceber como esta tem bem presente em sua memória, os acontecimentos em torno da essa decisão do pai de comprar terras no Paraguai, fazendo até menção à frase que este teria dito ao retornar da visita às terras paraguaias: “Se Deus fez terras mais belas que o Paraguai pode guardá-las para si, porque eu vou é para o Paraguai <sup>11</sup>”. Na fala do pai de Noeli, epígrafe do presente texto, são percebidas as expectativas e esperanças criadas por ele sobre as terras do Paraguai. Em suas análises, Pedone (2003, p. 109) percebe que “[...] os migrantes constroem socialmente representações sobre diferentes lugares de destino, sobre as potencialidades de trabalho e sobre as vantagens que esses lugares oferecem para homens e mulheres”. Algo que os motiva a empreenderem o ato migratório.

Sobre as estratégias utilizadas pelos imigrantes no Paraguai, Souchaud (2007) afirma que, para a região, a princípio, chegavam os homens sozinhos, acompanhados às vezes de amigos ou parentes. Os brasileiros vinham para estes lugares informados por um rumor espalhado que dizia “[...] do outro lado da fronteira, terras abundantes e férteis são oferecidas

---

<sup>11</sup> Original: “Si Dios hizo tierras más lindas que Paraguay puede guardarlas para él, porque yo me voy es a Paraguay”.

a pessoas de boa vontade”<sup>12</sup>. Assim, depois de realizar certa averiguação a família se unia de forma completa formando uma importante mão de obra (SOUCHAUD, 2007, p. 125).

Aqui é importante mencionar o papel das mulheres no processo migratório, por muitas vezes silenciado. São elas que atravessam a fronteira para se fixarem em países vizinhos como o Paraguai. Vão junto com os seus familiares seguindo o movimento de expansão agrícola, sendo proprietárias ou trabalhadoras agrícolas (BASSANEZI, 2018). Mantêm unida a família, articulam o processo migratório, cuidam da propriedade, casa e dos filhos/as, e acolhem e auxiliam os que chegam em novas terras.

No caso da família de Noeli, a migração foi feita em etapas. Seu pai e irmão emigraram para trabalharem na propriedade adquirida, enquanto a outra parte da família permaneceu na espera das condições favoráveis para emigrar para o Paraguai. Durante este tempo, quem cuidou sozinha da casa, do armazém e dos filhos ainda pequenos foi a mãe de Noeli. Somente após haver uma pequena estrutura, relacionada à presença de uma casa e de uma pequena roça para o sustento familiar, a família pode se estabelecer em terras paraguaias. Noeli assim descreve este fato:

Papai, com o pouco dinheiro que sobrou depois de pagar suas contas, veio ao Paraguai para comprar terras, e adquiriu 12 hectares no que hoje é conhecido como Curupayty (na época Colônia de Formosa, pertencente ao Município de Santa Rosa del Monday, Alto Paraná, Paraguai), adquiridos do Sr. Geraldo de Oliveira. Enquanto mamãe, que estava grávida, e os irmãos ficaram em Três Passos, morando ainda um pouco mais. Após adquirir as terras, Papai voltou e junto com os dois irmãos voltaram ao Paraguai para iniciar os trabalhos, sendo acolhidos por um vizinho da terra que lhes deu apoio e só algum tempo depois fizeram a viagem final, aguardando o nascimento de um novo bebê e quando ele tinha um mês saímos do Brasil e viemos para o Paraguai. Aqui viemos morar de aluguel na cidade de Formosa, enquanto o terreno adquirido, que ficava a cerca de 3 km da casa, foi plantado<sup>13</sup> (Noeli, Santa Rita, 07 set. 2016).

Como o relato da entrevistada aponta, no período em que o pai e irmãos mais velhos trabalhavam nas terras adquiridas no Paraguai, os mesmos contaram com a ajuda e a acolhida dos vizinhos, que, por sua vez, já haviam partido do Brasil, e os quais lhes forneciam

---

<sup>12</sup> Original: “del otro lado de la frontera, las tierras abundantes y fértiles se ofrecen a las personas de buena voluntad”.

<sup>13</sup> Original: “Papá con el poco dinero que sobró después de pagar sus cuentas, vino a Paraguay a comprar tierras, y adquirió 12 hectáreas en lo que hoy es conocido como Curupayty (en la época Colonia de Formosa, perteneciente al Municipio de Santa Rosa del Monday, Alto Paraná, Paraguay), las compró del Señor Geraldo de Oliveira. Mientras Mamá que estaba embarazada y los hermanos quedamos en Tres Passos, aun viviendo un tiempo más. Luego de adquirir las tierras Papá volvió y junto con los dos hermanos varones volvieron a Paraguay para iniciar los trabajos, siendo acogidos por un vecino de tierras quien les brindó apoyo y solo un tiempo después si se hizo el viaje definitivo, esperando el nacimiento del nuevo bebebey cuando cumplió un mes, dejamos Brasil y vinimos a Paraguay. Aquí llegamos a vivir de alquiler en la villa de Formosa, mientras que se plantaban las tierras adquiridas que eran a unos 3kms de la vivienda”.

hospedagem. Percebe-se, nesse fato, a importância da presença de uma rede de solidariedade e de ajuda entre os imigrantes, que acolhiam conterrâneos até o seu estabelecimento definitivo na nova propriedade. Após esse primeiro momento em que estes trabalharam nas terras, a família partiu toda e em definitivo para o país vizinho, permanecendo por alguns meses em uma casa alugada em uma pequena vila pertencente à Santa Rosa del Monday.

A mesma experiência, mas com algumas particularidades, foi realizada pela família do ex-vereador de Santa Rita, Jacó. Com poucas terras, recursos financeiros e uma família numerosa, pois já contava com filhos casados, o pai de Jacó, como muitos pais de família preocupados com o futuro dos filhos, foi atraído pelos convites de conhecidos e vizinhos que já haviam migrado ao Paraguai. Este, ao conhecer as mesmas, adquiriu lotes com a finalidade de destiná-los aos filhos e suas futuras famílias.

O pai se agradou e adquiriu uma propriedade em [19]73. Posteriormente, em outra viagem de reconhecimento e pago das terras adquiridas, aumentou a compra, mas como era um mundo desconhecido, só em [19]76 eu me animei a conhecer esse novo país, me agradei, decidi enfrentar essa nova realidade. Derrubei mato acompanhado do pai, plantamos e fizemos barracão, e em [19]77, já fizemos colheita. Casei-me no Rio Grande do Sul [...] e em 07/07/1977, o pai, tendo vendido a sua propriedade, decidimos mudarmos todos e viemos em 15 pessoas a esse novo país (Jacó, Santa Rita, 17 jan. 2019).

Em seu relato, o entrevistado denomina as terras adquiridas por seu pai no Paraguai como “um mundo desconhecido”, do qual nos dá a entender que tinha medo. Este tem bem presente, em sua memória, as datas dos fatos ligados à migração. O relato das ações de derrubada do mato, construção de barracão e da primeira colheita, ou seja, desbravar a terra – algo muitas vezes, lembrado pelos imigrantes, em suas entrevistas, quando entraram no Paraguai, na segunda metade de XX – se assemelha à prática realizada por imigrantes ucranianos no final século XIX, no estado do Paraná, estudada por Damasceno (2022), que identifica que a floresta ou mata era vista com uma fronteira encontrada por estes sujeitos em seu processo de fixação.

A estratégia utilizada pelo pai de Jacó garantiu a propriedade de terras para os filhos, ou melhor dizendo, a herança, algo que no Sul do Brasil seria impossível pelas suas condições econômicas. Muitos pais de famílias se utilizaram dessa estratégia adquirindo, muitas vezes, terra em mato, que era mais em conta. A intenção era a de adquirir lotes destinados para estes e os filhos que ficassem próximos, para poderem seguir com a dinâmica de entajuda familiar que os caracterizava. Dessa forma, foram surgindo localidades, tendo por base o sobrenome da família, algo também presente no Rio Grande do Sul. No caso da

família de Jacó, houve toda uma articulação em novas terras antes da emigração com o envolvimento da família. Porém, havia famílias que tinham os filhos todos ainda crianças, o que tornava a emigração um desafio ainda maior.

Como no caso de Valdemar, que em um sábado de tardezinha, juntamente com a sua esposa, Josefa, nos receberam em sua casa em Raul Peña. Os mesmos, com muito entusiasmo, narraram as suas trajetórias migratórias ainda dentro de Guarani das Missões, no Rio Grande do Sul, onde realizaram seis mudanças no interior do município, em busca de terras melhores e em grande quantidade, pois a família estava cada vez mais numerosa. Insatisfeitos com a realidade que viviam, decidiram conhecer novos horizontes. E, por meio de um corretor, foram conhecer as tão faladas terras paraguaias. Trazemos o relato de Valdemar sobre essa viagem ao Paraguai.

Apareceu um corretor vendendo terra, ele não era vendedor, ele trazia as pessoas que compravam terras no Paraguai e daí nós viemos, mas na primeira vez eu vi que lá em Campo 9 e Campo 8 era terra mista, terra branca<sup>14</sup>, aí nós voltamos [...] nós não queríamos aquelas terras, porque nós tínhamos medo de terra branca. Daí na outra viagem, no outro mês, nós viemos aqui, entramos pela balsa 26 [...] eu vi terra colorada<sup>15</sup> e comprei duas colônias, compramos, puro mato. E viemos com a mudança no dia 22 de setembro de 1977 (Valdemar, Raul Peña, 26 jul. 2018).

O casal nos descreveu, ainda, a sua trajetória para o Paraguai, realizada com os 10 filhos dentro de uma caminhoneta Rural Willys, com muitos detalhes, a ajuda que tiveram dos familiares pelo caminho, como a hospedagem e mantimentos, no estado do Paraná, e os primeiros tempos em novas terras. Na medida em que um dos dois ia relatando, o outro ia complementando, ou discordando, revelando o quanto a memória é uma construção social. Para Meneses, como construção social, a memória “[...] é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional”. Ele acrescenta que “[...] a memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para a classificação e para o intercâmbio social” (MENESES, 1992, p. 22).

Percebe-se, na fala do entrevistado, que havia um esquema de compra e venda de terras, com a visita de um corretor no Rio Grande do Sul e de viagem para esses agricultores ao Paraguai. Para Valdemar e família, a aquisição de mais terras e melhores em Raul Peña foi o que os levou a se fixarem em um local, pois já haviam realizado várias migrações em busca de uma melhor propriedade em Guarani das Missões, Rio Grande do Sul. Estes, que neste

---

<sup>14</sup> Terra mista, terra branca composta por grande quantidade de areia e argila, não sendo favorável para prática de cultivos agrícolas, como a terra roxa.

<sup>15</sup> Terra colorada, terra vermelha ou terra roxa, tipo de terra com cor avermelhada, propícia para atividades agrícolas de cultivo, como a da soja.

município possuíam 12 hectares, no ano de 1977, adquiriram uma área de 24,2 hectares, no Paraguai, que à medida que o tempo foi passando, foi sendo ampliada. Essa quantidade de hectares naquele contexto, dificilmente seria adquirida pela família no município de Guarani das Missões.

Como no caso de Valdemar, Villagra (2014) aponta que muitos migrantes brasileiros adquiriram suas terras em Alto Paraná diretamente no Brasil de empresas imobiliárias que realizam a oferta de áreas para agricultura no Paraguai. O autor acrescenta que:

Esses migrantes provinham principalmente dos Estados do Rio Grande do Sul e do Paraná, sendo em sua maioria pequenos e médios agricultores que sentiram a pressão de deslocamento da grande agricultura mecanizada em seus Estados e, diante da grande diferença de preços das terras entre os dois países, eles optaram por vir para o Paraguai. Para cada hectare que os agricultores vendiam no Brasil, compravam no Paraguai uns 5 ou 6 hectares de terra com potencial agrícola muito alto<sup>16</sup> (VILLAGRA, 2014, p.74).

Outro detalhe sobre a emigração desta família, identificado em entrevistas com seus vizinhos e vizinhas em uma localidade de Raul Peña, é o de que estes haviam emigrado ao Paraguai depois da experiência realizada pela família de Valdemar. Estes e seus pais deixaram Guarani das Missões e adquiriram terras no Paraguai por influência do senhor Valdemar, pessoa de referência para estes. Segundo sua esposa Josefa, “Nós viemos, os primeiros do município de Guarani das Missões, os primeiros imigrantes [...]. E nós acolhemos alguma pessoa que vinha comprar terra, ficava em nossa casa hospedada. Eu cozinhava, até lavava a roupa para alguns” (Josefa, Raul Peña, 26 jul. 2018).

O relato de Josefa comprova a influência da emigração de sua família ao Paraguai no surgimento de outros e outras imigrantes, que também visavam a aquisição de terras. Nesses novos processos migratórios, o casal não ficava indiferente, cabendo à Josefa providenciar a acolhida, com hospedagem, alimentação e roupas limpas, como a mesma expressa a duras penas, pois tinha que dar conta de seus 10 filhos, do trabalho da casa e da roça, juntamente com o esposo. Nesse sentido, percebe-se como o imigrante e a imigrante passam a ter agência e protagonismo dentro do processo migratório, criando redes e estratégias de emigração e acolhida.

---

<sup>16</sup> Original: “Estos migrantes en su mayoría provenían de los Estados de Río Grande do Sul y Paraná, siendo mayoritariamente pequeños y medianos agricultores que sentían la presión des desplazamiento de la agricultura mecanizada en gran escala en sus Estados, y, frente a una gran diferencia de precios de la tierra entre ambos países, optaban por venir al Paraguay. Por cada hectárea que e os agricultores vendían en el Brasil, compraban en el Paraguay unas 5 o 6 hectáreas de tierras de altísimo potencial agrícola”.

## **Considerações finais**

Conclui-se que o Paraguai, país vizinho, implementou uma política de ocupação e colonização da região leste, na fronteira com o Brasil e, como resultado de outros acordos e projetos em comum entre os dois países, ampliou-se a propaganda no Brasil. A oferta de terras por preços atrativos carregou elevado número de colonos rio-grandenses rumo ao Paraguai. Partindo de uma área rural do país para outra área rural no leste do Paraguai, foram motivados essencialmente pela busca da propriedade de terras, em um contexto em que, no Brasil, o processo de modernização agrícola expulsava os pequenos agricultores e outros trabalhadores do campo, sendo que, por outro lado, o processo de modernização ainda no início no Paraguai, atraía essa população.

Nas trajetórias migratórias analisadas, percebe-se, além da decisão pessoal entre partir ou ficar, a atração exercida e facilidades propostas pelo Estado, fomentando políticas de colonização e acesso à propriedade agrária, com fins econômicos, como a ocupação de espaços estratégicos, as zonas de fronteira e a produção agrícola vinculada à modernização da agricultura. O projeto migratório fazia parte do cotidiano das famílias analisadas que, diante da possibilidade de obterem terras melhores por preços menores, não hesitavam em se despedir dos familiares, amigos e recomeçar em outro lugar.

A migração impulsionada por motivações econômicas e sociais, na grande maioria das vezes, acontecia de forma articulada por meio de redes sociais, constituídas por vizinhos, conhecidos e redes migratórias, que realizavam propaganda e ofereciam oportunidades. Sendo que dessas redes, destacava-se a ação dos agentes ou corretores das colonizadoras, responsáveis pela oferta e venda de terras aos conterrâneos. As redes familiares nos casos analisados não se apresentam diretamente como motivadoras para a migração, mas são elas que dão o suporte e o auxílio necessários durante a travessia. No conjunto das entrevistas, nota-se que a presença de redes sociais, constituídas por vizinhos, conhecidos e familiares que já haviam realizado a emigração ao Paraguai e que, ao voltarem para visitarem familiares ou atenderem suas demandas, realizavam a propaganda sobre as terras daquele país, foi um dos fatores fundamentais para a aquisição de propriedade e emigração das famílias analisadas.

Em um contexto em que havia muitas dificuldades para se manter no interior desses municípios, com poucos recursos financeiros e terras para essas famílias bastante numerosas, a única opção para continuarem sendo proprietários ou que os filhos passassem a serem

também proprietários no futuro, seria migrarem e adquirirem áreas para a agricultura no Paraguai. Diante disso, após a aquisição de terras até a emigração, havia um processo em que parte dos membros da família fazia a emigração para realizar as benfeitorias, enquanto outra parte da família permanecia ainda no lugar de origem.

Ao longo desse processo, a vontade de possuir mais terras de boa qualidade e por um preço acessível foi um desejo dos pais e maridos para garantirem a permanência sua e de seus filhos no campo, restando às mulheres o silêncio, a resignação em aceitar a decisão do pai, a compartilhar das esperanças do pai em viver em terras paraguaias, a responsabilidade com o cuidado da família e da propriedade na ausência do esposo e a acolhida de imigrantes em suas casas. Porém, ao seu modo, estas demonstraram que não estiveram indiferentes ao processo migratório familiar, sendo protagonistas do mesmo.

## Referências

- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. Tese (Doutorado em Sociologia), Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005.
- ANGELIN, Paulo Eduardo. **Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares**. Tese (Doutorado em Sociologia), São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2012.
- BALLER, Leandro. **Fronteira e Fronteiriços: A construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)**. Tese (Doutorado em História), Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2014.
- BÁRBARA, Marcelo Santa. Brasiguaios: território e jogo de identidades. *In*: NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 333-346.
- BASSANEZI, Maria Silvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. *In*: PINSKY, Carla Bassanesi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1ª Ed. / 3ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2018. p. 169-193.
- BRUM, Argemiro Jacob. **Modernização da agricultura: trigo e soja**. Ijuí: Fidene, 1985.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DAMASCENO, Darlan. Relações socioecológicas na construção das paisagens étnicas ucranianas na região centro-sul do Paraná (1890-1945). **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 13, n.1, 2022, p. 214-230.

FAZITO, Dimitri. Análise de Redes Sociais e Migração. Dois aspectos fundamentais do “retorno”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, 2010, p. 89-176.

GNOATTO, Vanucia. **Migrações, Trajetórias, Retornos**: imigrantes brasileiros no Paraguai (1970-2018). Dissertação (Mestrado em História), Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2020.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O novo rural brasileiro**. 2 Ed. - Campinas: IE/Unicamp, 2002.

GREGORY, Valdir. **Eurobrasileiros e o espaço colonial**: Migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). 2 Ed. - Cascavel: Edunoeste, 2008.

HAESBAERT, Rogério; BÁRBARA, Marcelo de Jesus Santa. Identidade e Migração em áreas Transfronteiras. **Geographia**, v. 3, n. 5, 2002, p. 45-65.

HAESBAERT, Rogério. Territorialidades “gaúchas” e a formação de redes regionais e transnacionais. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luis Alberto; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (Orgs.). **Rio Grande do Sul**: paisagens e territórios em transformação. 2 Ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p. 277-300.

MENESES, Ulpino Toledo Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiro**, v. 34, 1992, p. 9-23.

MENEZES, Marilda Aparecida de. História Oral: uma metodologia para o estudo da memória. **Vivência**, n. 28, 2005, p. 23-36.

NEUMANN, Rosane. A iniciativa privada na colonização do noroeste do Rio Grande do Sul: a Colonizadora Meyer. In: SIDEKUM, Antônio; GRÜTZMANN, Imgart; ARENDT, Isabel Cristina (Orgs.). **Campos múltiplos**: identidade, cultura e história. Festschrift em homenagem ao prof. Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Nova Harmonia; Oikos, 2008, p.123 -140.

NODARI, Eunice Sueli. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. **Esboços: História em Contextos Globais**, v. 10, n. 10, 2002, p. 29-51.

PEDONE, Claudia. **“Tu siempre jalas a los tuyos”**: cadenas y redes migratórias de las familias ecuatorianas hacia España. Tese de Doutorado. Universidade Autônoma de Barcelona: Barcelona, 2003.

PEREIRA, Bruno César; LOURENÇO, Alexandra. Mulheres e a migração: trajetórias e motivações de migrantes nordestinas na cidade das avenidas. **História em Revista**, v. 26, n. 2, 2021, p. 43-61.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

- ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8º Ed. - Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 93 - 102.
- SALES, Teresa. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. **Rev. Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 1, n. 13, 1996, p. 87-98.
- SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA**, n.13, 2008, p.118-127.
- SINGER, Paul. Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. *In*: SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-62.
- SOARES, Weber. **Da metáfora à substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Demografia), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- SOUCHAUD, Sylvain. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA/ ADEPO, 2007.
- SOUCHAUD, Sylvain. A visão do Paraguai no Brasil. **Contexto Internacional**, v. 33, 2011, p. 131-153.
- TEDESCO, João Carlos. **Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais**: Paradoxos da alteridade nas migrações internacionais Brasileiros na Itália. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Porto Alegre: Ed. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Chapecó: Argos, 2010.
- TEDESCO, João Carlos. **Imigração no Sul do Brasil**: Transnacionalismos, sociabilidades e desenvolvimento econômico. Passo Fundo: Acervus, 2022.
- TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 20, n. 1, 2008, p. 199 - 218.
- VILLAGRA, Luis Rojas. **La Economía Durante El Stronismo**. Asunción: El lector; ABC Color, 2014.
- WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Identidades e memórias entre teuto-brasileiros: os dois lados do oceano. **Horizontes Antropológicos**, n.14, 2000, p. 205-239.
- ZAAR, Miriam Hermi. O processo migratório no extremo oeste do Estado do Paraná/Brasil com a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu. **Scripta Nova**, n. 69, 2000, p. 1-20.

*Submetido em: 20 de abril de 2023.  
Aceito em: 23 de junho de 2023.*